

Desenvolver a Competência Intercultural Através do Uso de Imagens

Carla Conceição Teixeira Ulisses

FACULDADE DE LETRAS DA UNIVERSIDADE DO PORTO

Citação: Carla Conceição Teixeira Ulisses, “Desenvolver a Competência Intercultural Através do Uso de Imagens”. *Via Panorâmica: Revista Electrónica de Estudos Anglo-Americanos*, série 3, nº 5, 2016: 47-53. ISSN: 1646-4728. Web: <http://ler.letras.up.pt/>.

Resumo

Vivemos num mundo globalizado no qual a aproximação e interação entre culturas é cada vez mais premente e um verdadeiro desafio. Neste contexto, apresenta-se como requisito essencial o desenvolvimento de competências interculturais que facilitem uma comunicação real que conduza ao entendimento mútuo, no sentido de diminuir possíveis tensões, choques culturais e conflitos. A escola e mais especificamente a sala de aulas de língua estrangeira, espaços onde se cruzam culturas, tornam-se locais privilegiados onde o ensino/aprendizagem de aspetos culturais deve ser enfatizado. No sentido de desenvolver esta competência e tendo em consideração o domínio crescente que a informação visual tem nos nossos dias, as imagens surgem como recurso didático de excelência, ajudando os alunos no sentido de desenvolverem estratégias de observação e interpretação e consciência cultural crítica inseridas numa abordagem intercultural.

Palavras-chave: interculturalidade; competência intercultural; imagem; língua estrangeira.

Introdução

A comunicação aqui apresentada tem por base o relatório de investigação-ação realizado no âmbito do Mestrado em Ensino de Inglês e Espanhol no 3º Ciclo do Ensino Básico e Ensino Secundário e que é antes de mais o resultado de um exercício de reflexão sobre a prática letiva levada a cabo ao longo do ano letivo de 2014/15 e com o qual se pretende confirmar a importância duma abordagem intercultural na sala de aulas de línguas e a relevância que as imagens, como recurso didático, podem ter no processo de ensino-aprendizagem intercultural.

Enquadramento Teórico

O mundo globalizado e em permanente mudança em que vivemos é responsável por uma aproximação cada vez maior de um leque de culturas diferentes, e a necessidade de nos relacionarmos uns com os outros é evidente e um desafio. Vivemos, pois, numa sociedade cada vez mais multicultural potenciando situações de tensão e conflito perante a diferença e o desconhecido. Torna-se então “imprescindible llegar a una comunicación real, a un entendimiento por medio del conocimiento mutuo, para disminuir el choque cultural y evitar conflictos” (Oliveras 11).

A competência intercultural compreende cinco aspetos cruciais: competência existencial (ou “savoir-être”); capacidade para aprender e *know-how* (ou “savoir-apprendre/faire”), conhecimento declarativo (ou “savoirs”), capacidade de interpretar e relacionar (“savoir comprendre”) e uma consciência cultural crítica (“savoir s’engager”) (Byram *et al.*).

Na realidade, trata-se de desenvolver uma postura que reconheça o respeito pela dignidade humana e igualdade dos direitos humanos como a base democrática para a interação social. Esta postura deve ser transversal e deve ser promovida no ensino de qualquer língua.

A escola e mais especificamente a sala de aulas de língua estrangeira, sendo apresentadas como um espaço onde se cruzam culturas, tornam-se locais privilegiados onde o ensino/aprendizagem de aspetos culturais deve ser enfatizado. Esta mesma preocupação com os aspetos culturais encontra eco nos documentos que regulam a prática letiva nas nossas escolas, nos quais a competência intercultural se apresenta como um dos objetivos a atingir.

Neste projeto de investigação-ação, as imagens ocuparam um papel de destaque como recurso didático ao serviço do desenvolvimento de competências interculturais dos alunos que nele participaram. Por um lado, e graças ao desenvolvimento tecnológico, vivemos num mundo no qual as imagens e a informação visual dominam de forma crescente as nossas vidas e os jovens, melhor do que ninguém, são especialistas no que toca a aceder, partilhar, transformar e comunicar com imagens.

Por outro lado, a utilização de imagens para desenvolver uma consciência cultural resulta particularmente atrativa para os professores pois estão a fazer uso de um recurso que lhes é familiar.

Para que as imagens possam estar ao serviço da abordagem intercultural é preciso que os alunos desenvolvam a sua alfabetização visual, pois a “Visual language is not (...) transparent and universally understood; it is culturally specific. (...) Consequently different values and meanings are attached (...)” (Kress e Leeuwen 4). Quer isto dizer que terão que desenvolver estratégias e competências, nomeadamente de observação, interpretação e de consciência cultural crítica que, de forma sistematizada, lhes permitam olhar para as imagens e falar sobre o tipo de mensagem que transmitem.

A prática pedagógica

Vamos agora ver como se concretizaram na prática todos estes elementos.

A prática pedagógica foi organizada em três ciclos supervisionados, temporalmente organizados ao longo do ano letivo e que se concretizaram através da aplicação de três propostas (UD) com as quais se pretendeu desenvolver a competência intercultural através das imagens.

Começamos com o **ciclo zero**, onde através da observação direta e a aplicação de um questionário nos foi possível realizar o diagnóstico inicial. Desta forma, com a observação direta, constatamos a falta de conhecimento que os alunos tinham relativamente aos aspetos culturais bem como o facto de estes nem sempre serem abordados a partir de uma perspetiva intercultural em sala de aula. Igualmente se verificou que na abordagem destes temas e de outros (de natureza mais linguística), não havia a utilização de recursos visuais, nomeadamente a imagem.

Da mesma forma, os resultados do questionário vieram mostrar que, para uma parte significativa dos alunos, os aspetos culturais eram importantes para a aprendizagem de uma língua, apesar da sua dificuldade em defini-los, consolidando a ideia de que esta seria uma área de interesse dos alunos e de que deveria ser tratada em sala de aula de uma forma mais explícita e frequente, nomeadamente através de uma abordagem intercultural.

A questão que se colocou de seguida foi a de saber se poderíamos eleger as imagens como recurso para desenvolver a competência intercultural e a segunda parte do inquérito serviu para comprovar o interesse dos alunos por este recurso para uma melhor aprendizagem.

O ciclo zero permitiu igualmente definir e testar a metodologia que se iria aplicar nos seguintes ciclos e que constituiria a espinha dorsal das planificações desenhadas e nestes aplicadas, proposta por Ponce de León (252):

- 1) reflexión del alumno sobre su propia conducta cultural;
- 2) presentación de la conducta cultural meta y contraste con la del alumno;
- 3) puestas en práctica por medio de actividades comunicativas o tareas complejas que favorezcan la asimilación de la conducta cultural meta.

Nos dois ciclos seguintes faz-se uma análise e interpretam-se os dados resultantes da aplicação do projeto nos dois grupos alvo (espanhol e inglês), fazendo-se referência aos instrumentos utilizados para a sua recolha.

No **primeiro ciclo** de espanhol tiveram importância, na recolha de dados, a observação direta, o trabalho realizado pelos alunos, e um questionário de autoavaliação, entregue no final da unidade didática.

Desde o início registamos a importância que as imagens tiveram ao longo desta unidade didática, nomeadamente como recurso motivacional e de implicação nas atividades propostas, de ativação de conhecimentos, como elemento catalisador de

discussão e conseqüentemente de dinamismo. Sendo representativas de diversas realidades culturais, constituíram fonte de estímulo, provocaram várias emoções e estimularam, como afirmam Busto e Bedoya, “la creatividad y la capacidad imaginativa, propiciando a su vez una relación positiva entre la lengua meta y el grupo de clase” (4).

A realização e apresentação de posters com informação relativa aos costumes de cada um dos países representados pelos alunos permitiu que estes adotassem uma postura verdadeiramente intercultural funcionando como mediadores entre a cultura alvo e a sua própria cultura. Ao colocarem-se na pele do outro “se contribuye a la apreciación de la diversidad cultural” e “a la formación de ciudadanas y ciudadanos democráticos, respetuosos con la diversidad, tolerantes y conscientes de la propia identidad cultural y de la de los demás” (Tato 224-225).

No primeiro ciclo de inglês, no que respeita à recolha de informação, foram utilizadas estratégias semelhantes às que haviam sido usadas em espanhol.

Através da observação direta foi possível perceber, desde logo, a dificuldade que os alunos têm em ler as imagens e perceberem o que representam para além do óbvio. E não há dúvida que esta dificuldade resulta muito frequentemente de ideias pré-concebidas e estereotipadas que é importante desconstruir. “Teniendo en cuenta la era digital en la que vivimos, es importante que empecemos a estudiar estas imágenes con un ojo crítico para desarrollar una alfabetización visual en clase” (Goldstein 19).

No que respeita à atividade de *role-play*, esta revelou-se particularmente interessante, tendo em consideração a reação dos alunos, uma vez que para muitos deles implicou sair da sua zona de conforto, ao terem de adotar posturas que não coincidiam com as suas, aumentando a sua consciência relativamente a estas, a sua preparação para comunicar com outros, a sua tolerância face à diversidade e a sua capacidade de enfrentar problemas do dia-a-dia que poderão encontrar num país estrangeiro.¹

No **segundo ciclo** de espanhol, à semelhança do que aconteceu no primeiro ciclo, repetiram-se as estratégias no que respeitou à recolha de informação.

Mais uma vez, através da observação direta se conseguiu confirmar a importância das imagens nesta unidade didática, por um lado, por serem representativas de aspetos que caracterizam uma cultura e, por outro lado, por serem realistas, ao incluir também aspetos negativos ou problemáticos dessa cultura. Pelo fato de se tratar de temas de certa forma universais, foi proporcionada aos alunos a oportunidade de refletir e debater sobre a sua própria cultura e sobre a cultura do “Outro”, convidando-os a construir uma nova perspetiva e comportamentos adequados quando em contato com membros de outras culturas.

Por outro lado, o trabalho de expressão escrita fez com que os alunos utilizassem os conteúdos linguísticos e culturais abordados nas aulas anteriores, dando voz à sua interpretação sobre o mundo que os rodeia, tornando-os mais conscientes desse mesmo mundo. Neste sentido, esta atividade foi sem dúvida uma oportunidade para o crescimento deste grupo de alunos como potenciais agentes interculturais ao

contribuir para o desenvolvimento das suas capacidades de observação, análise, interpretação e compreensão.

No segundo ciclo de inglês, através da observação direta, foi-nos possível desde logo perceber a alteração na postura dos alunos mais especificamente no que diz respeito à interpretação das imagens. Se na primeira aula trabalhada com este grupo nos deparamos com uma quase ausência de participação na análise das imagens, (sem dúvida estávamos perante um grupo inexperiente a este nível), nesta última, imediatamente começaram a desconstruí-las, apresentando várias interpretações no que se refere ao leque de possibilidades que estas poderiam representar, trocando opiniões, debatendo ideias e criando novas interpretações.

Relativamente ao *role-play*, também a postura adotada pelos alunos divergiu da observada no primeiro ciclo, mostrando uma grande abertura, assumindo o papel que lhes havia sido proposto pela professora, e inclusive, voluntariando-se para vir para a frente da turma defender as “suas” opiniões.

Sem dúvida, aqui pode encaixar-se a premissa que caracteriza a abordagem intercultural, segundo a qual se deve envolver os alunos na partilha do seu conhecimento e na discussão das suas opiniões, construindo desta forma o seu conhecimento, aprendendo tanto uns com os outros como com o professor, comparando o seu contexto cultural com os novos contextos apresentados no processo de ensino-aprendizagem.

O **questionário** entregue no final do segundo ciclo aos dois grupos, elaborado com base no que foi apresentado no ciclo zero, teve agora como objetivo perceber em que medida o grau de importância atribuído aos aspetos culturais na aprendizagem de uma língua estrangeira variou, objetivando-se o mesmo no que diz respeito à importância atribuída às imagens como recurso didático ao serviço da interculturalidade, ao longo de todo este projeto de investigação-ação.

Relativamente à primeira parte, destaco os resultados obtidos com a quinta pergunta, que se refere ao grau de importância atribuído o uso de imagens na compreensão dos conteúdos e aquisição de conhecimentos, sendo que 93% dos alunos de espanhol e 91% dos de inglês o confirmaram.

Tanto pelas percentagens obtidas, como pela observação direta feita em sala de aula torna-se visível que o uso sistemático de imagens em contexto de sala de aula foi uma aposta ganha, conduzindo a uma maior tomada de consciência da importância destas no processo de ensino-aprendizagem pelos próprios alunos. Tornando minhas as palavras de Goldstein (23) “creo que tenemos que reinterpretar el papel de la imagen en el aula de idiomas y hacer que la imagen sea más visible y más influyente en nuestra labor”.

Destaco também a pergunta nove que possibilitou, no que respeita ao grupo de espanhol, confirmar o interesse que os alunos demonstraram desde o início deste projeto relativamente à importância de se comparar e contrastar culturas. Relativamente ao grupo de inglês, estes consideraram que esta comparação, por um lado, os ajudou a ter consciência da sua própria cultura e, por outro lado, lhes

permitiu respeitar as diferenças e ser mais tolerantes, conseguindo desta forma atingir vários dos principais objetivos de uma abordagem intercultural.

A terceira questão que destaco é a número 13. Os resultados obtidos foram talvez os mais gratificantes, com 93% dos alunos de espanhol e 87% dos de inglês a considerarem que o seu entendimento sobre a cultura portuguesa sofreu alterações ao longo do ano letivo.

Ao desenvolver-se e ao pôr-se em prática ao longo de todas as aulas deste projeto de investigação-ação “un conjunto de propuestas metodológicas para a enseñanza de lenguas segundas, encaminadas a incentivar en el alumno la reflexión sobre su propia cultura y sobre la cultura meta” (Ponce de León 249) tentou-se conduzir os alunos para uma aprendizagem intercultural. Neste processo de consciencialização de mudança foi sem dúvida importante o uso de materiais autênticos, e neste caso foram privilegiadas as imagens como recurso didático de excelência, que permitiram aos alunos uma aprendizagem contextualizada e significativa.

Conclusão

Com o presente trabalho evidenciou-se a relevância que o estudo de aspetos culturais tem para os alunos, não só aqueles que dizem respeito à cultura alvo, mas também aqueles que identificam a sua própria cultura. A tomada de consciência deste facto levou-os, através de um processo de reflexão e comparação, a desenvolver estratégias que passaram pela observação crítica, partilha de opiniões e interpretações alicerçadas no princípio de compreensão pelos direitos humanos e respeito pelos outros. Em consequência, os alunos conseguiram desenvolver competências que lhes permitirão interagir com indivíduos de outras culturas, numa postura de desconstrução de preconceitos, de compreensão e de aceitação de que poderão ser portadores de perspetivas, valores e comportamentos diferentes, com a certeza, porém, de que, desta interação e desta diferença se elevarão como pessoas mais ricas e humanas. Também com este trabalho se conseguiu perceber a importância que as imagens, como recurso didático, tiveram ao serviço do desenvolvimento de competências interculturais, desafiando conceitos, provocando o debate e a partilha de ideias, desafiando generalizações ou estereótipos, levando os alunos a descentralizarem-se e a redescobrirem-se.

Todo este processo permanente de reflexão crítica foi para mim bastante revelador, no sentido de perceber que a dimensão intercultural não se esgota em contexto de sala de aula; é algo que extravasa este espaço, e constitui um fenómeno de aprendizagem ao longo da vida que nunca está completo.

Neste sentido, a aposta na formação de professores com base numa abordagem intercultural poderá ser uma aposta ganha, arriscando inclusive novas orientações educativas, com o objetivo de “Formar espíritos abertos à diferença cultural e à sã convivência humana (...) num mundo condenado cada vez mais seguramente à explosão da diversidade.” (Carneiro, 2001, citado por Bizarro e Braga 68)

Obras Citadas

- Bizarro, Rosa & Braga, Fátima. “Educação intercultural, competência plurilingue e competência pluricultural: novos desafios para a formação de professores de Línguas Estrangeira”. *Estudos em homenagem ao Professor Doutor António Ferreira de Brito*. Ed. Secção de Estudos Franceses, Departamento de Estudos Portugueses e Estudos Românicos. Porto: Faculdade de Letras da U. Porto (FLUP), 2004. 57-69. Biblioteca Digital da FLUP. Web. 18 Agosto 2015. <[www.http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/4373.pdf](http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/4373.pdf)>.
- Busto, N. y Bedoya, M. (2009). “La explotación de una imagen en la clase de E/LE”. *redELE-Revista electrónica de didáctica / español lengua extranjera* 16 (2009). Web. 28 Maio 1015. <http://www.mecd.gob.es/dctm/redele/MaterialRedEle/Revista/2009_16/2009_redELE_16_01Barrallo.pdf?documentId=0901e72b80dd7388>.
- Byram, M., et. al. *Developing the Intercultural Dimension in Language Teaching. A Practical Introduction for Teachers*. Strasbourg: Council of Europe, 2002.
- Goldstein, Ben. “El Poder de la Imagen. El Uso de las Imágenes en la Clase de ELE”. *Mosaico: Revista para la promoción y apoyo a la enseñanza del español* 29 (2012). Web. 27 Maio 2015. <<http://www.mecd.gob.es/belgica/dms/consejerias-exteriores/belgica/publicaciones/Mosaico-29/Mosaico%2019.pdf>>.
- Kress, G., Leeuwen, T. *Reading Images: The Grammar of Visual Design*. London and New York: Routledge, 2006.
- Oliveras, Àngels. *Hacia la competencia intercultural en el aprendizaje de una lengua extranjera. Estudio del choque cultural y los malentendidos (Memorias para el aprendizaje)*. Madrid: Edinumen, 2000.
- Ponce De León, Rogelio. “Reflexiones en torno al aprendizaje intercultural aplicado a la asignatura de Español en Portugal”. *A escola e a diversidade cultural. Multiculturalismo, interculturalismo e educação*. Ed. Rosa Bizarro. Porto: Areal Editores, 2006. 249-259.
- Tato, M. “Competencia intercultural en la enseñanza de lenguas extranjeras”. *Porta Linguarum: revista internacional de lenguas extranjeras* 21 (2014). Web. 28 Maio 2015. <<http://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=4582315>>.

¹ “This kind of experiential learning is powerful in developing self-awareness as well as perceptions of other countries. The teacher can encourage learners to become more observant in terms of various subtleties of cultural behaviour” (Byram et al. 14).